





Melodrama, de Caio Fernando Nicolette

1º Edição

2023. Todos os direitos reservados.

“Esta é uma obra de ficção sem comprometimento algum com a realidade. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas será mera coincidência”.

Contém ilustrações originais do autor, devidamente assinadas.

É proibida a reprodução, parcial ou total, por quaisquer meios de conteúdo, desta edição, de acordo com a Lei 9.610 / 98;



MEL◦DRAMA

Um romance de

Caio
Romance
Madelia

Nota do Autor

Apresento aos leitores uma história forte, cujo principal pilar é a busca desesperada pelo amor em uma época de terror e atrocidades. Os capítulos da primeira fase são de longe os fachos de ficção mais tristes que um dia pude escrever. E não voltaria a escrever algo assim novamente. Teremos a segunda guerra mundial e, em seguida, a transição para quase cem anos à frente. Este é definitivamente um ponto de reflexão para mim. Grande parte da história terá seu alvo negro, sem ser um relato. O tempo e espaço no qual as coisas acontecem nesta história propõem um ambiente sombrio, acentuando exatamente aquilo que a trama deve passar ao leitor. Melodrama conta com o Resumo Prévio, que consiste em poucas linhas acima dos capítulos, resumindo o que acontece.

A história começará durante a época da segunda guerra e se estenderá até os dias de hoje. Na pele de um fuzileiro nazista, nosso protagonista é obrigado a reduzir o excedente populacional de judeus que vêm passar diante de seus olhos, nos campos de concentração para os quais é enviado. Ele é nascido judeu também, algo que mantém oculto a sete chaves. Logo, temos um genocida contra seu próprio povo. Após a morte, encontra-se carregado, aprisionado e encarcerado por todos que matou, por todo sangue que carrega consigo. Como libertar-se do fardo de culpa? Após muita análise por parte das esferas superiores, seu espírito é sentenciado a viajar.

Muitos anos depois, encontra-se Nathanael, um adolescente de dezoito anos, cursando uma faculdade, vivendo uma vida, superando conflitos. Mas todas as noites têm sonhos, nos quais vê a si próprio vestido como soldado. E matando a todos que passam diante de seus olhos. Como superar, como se libertar destes sonhos? Como calar o melodrama da alma para sempre?



Personagens da 1ª Fase

(Ano 1933)

Aaron Vittorino / Nathanael Montenegro – Soldado nazista; acaba por executar centenas de judeus, mesmo sendo um deles. Anos depois, sua alma viajará até um novo tempo, a fim de tentar livrar-se de todo o sangue que carrega consigo.

Dalila Vittorino – Mãe de Aaron, ela acaba por deixá-lo sozinho nas mãos dos nazistas ao ser assassinada ao lado de seu marido quando a SS ainda está em seu princípio.

Bartolomeu Vittorino – Pai de Aaron. Embora tente evitar, ele é executado na frente do filho pequeno.

Burkhard Svanchz – Líder nazista. Captura Aaron ainda em infância. Oferece duas opções ao garoto: Aprender a matar ou morrer sem chorar.

Dr. Auschwitz Belial – Médico convocado ao campo de concentração; começa a encomendar a execução dos judeus para análise de seus cérebros, corpos e partes, a fim de conseguir avanços medicinais.

Tristan – Soldado, morto durante a época do nazismo. Começa a aparecer em sonhos para Nathanael, com frequência.

Matusalém – Estranho velho desdentado, de noventa e poucos anos. Auxilia Aaron, quando este leva um tombo, e o alerta sobre os soldados. Anos depois, encontrará Nathanael novamente.

Elizabeth – Filha bastarda de Matusalém de 17 anos; perde-se do pai antes mesmo deste ser executado. Apaixona-se por Tristan, um soldado impiedoso, e acaba pagando com a própria vida.

Victória – Menina de nove anos que, embora tente fugir, é capturada e morta brutalmente por Aaron. Roga uma praga em sua alma.

São Miguel – Arcanjo que ajudará Aaron em sua missão.



Personagens da 2ª Fase

(Ano 2010)

Isaías Montenegro – Pai de Nathanael; trabalha como advogado em um importante edifício da cidade, o famoso Edifício Pégasus.

Helena Montenegro – Mãe de Nathanael; Tenta apartar as brigas entre os dois filhos, que alimentam uma rivalidade destruidora.

Caim Montenegro – Irmão mais velho de Nathanael. Vive em constante conflito com o irmão mais novo. Morre em um acidente.

Abraão – Motorista de ônibus, responsável pela morte de Caim. Todavia, não tivera intenção de matá-lo.

Evelyn – Antiga namorada de Caim. Fica paraplégica no acidente, e seu maior sonho a partir de então é voltar a andar.

Emmanuel – Pai de Evelyn. Cria a filha sem ajuda de ninguém. É um homem rancoroso e depressivo.

Ariel – Namorada de Nathanael. É uma moça jovem, linda e pura. Mas, por ligar-se a Nathanael, está sentenciada a sofrer.

Javé – Melhor amigo de Nathanael. Ambos fazem faculdade juntos.

Lísias – Amigo de Nathanael, seus pais trabalham no edifício Pégasus.

Ezequiel – De todos os amigos de Nathanael, o mais reservado.

Adalberto Barnabé – Professor de história de Nathanael, na faculdade. Demonstra-se interessado mediante assuntos relacionados ao nazismo.

Marco Aurélio – Rapaz perturbado que, mesmo em tempos atuais, conserva tradições nazistas. Reúne um grupo, para secretamente realizarem pequenos sequestros.

Nicodemos – Outro membro da conspiração nazista. Todos se reúnem secretamente a fim de prestarem um culto a Adolf Hitler.

Hanz / Nostradamus – De todos os membros da nova SS, o mais novo, de apenas dezessete anos. Após uma possessão demoníaca, Hanz passa a chamar a si próprio de Nostradamus.

Baruc – Amigo de Hanz, acaba por morrer quando este último se transforma no terrorista e nazista Nostradamus.

Abdul Hachid – Mentor da seita nazista. Acredita ser a reencarnação de Burkhard Svanchz. Acaba por morrer, deixando cartas e pistas sobre possíveis seguidores, que podem ser reais ou meros delírios.

Baltazar Munhoz – Pai de Nádia, uma jovem insegura. É extremamente possessivo em relação à filha única, deseja vigiá-la a todo custo.

Nadia Munhoz – Ex-namorada de Nicodemos. Acredita ser a reencarnação de uma judia da época do nazismo, Elizabeth. Tem interesses por Nathanael, embora ele não a perceba. Ela consegue ver e se comunicar com espíritos.



F A T O S

- Surge o nazismo, um dos regimes políticos mais deploráveis da história da humanidade. Ele surge na Alemanha, nas primeiras décadas do século XX, como uma resposta à crise econômica que assolava o país após a quebra da Bolsa de Valores, em 1929.

- Adolf Hitler assume o poder, põe em prática uma política que visa construir um novo império alemão e mostrar ao mundo a superioridade da raça ariana. Começa uma época de arbitrariedades que chocará o mundo para sempre e será lembrada como um dos períodos mais cruéis da história da humanidade.

- Haverá uma citação na história do quadro “Maritime Nocturne”, de Adolf Hitler, uma cópia do original será roubada em 1933 e reaparecerá, no futuro. A existência do quadro é verídica, mas a história que o envolverá em Melodrama é pura ficção.



Primeira Parte

1933

Capítulo 1
[A Coleção de Corpos]



O ano é muito antigo. Juntamente de outros casais, Bartolomeu e Dalila são convocados para um campo de concentração. Levam o pequeno Aaron, de dez anos, junto com eles. Ao chegarem são informados que terão de trabalhar, talvez até a morte. Diante disso, temem pela vida do filho.

Alemanha, dia 19 de Dezembro de 1933.

Dizem que todas as existências anteriores, de algum lugar profundo do espírito, observam o que a existência atual faz no momento. Naquela noite, será que as passagens anteriores se orgulhariam daquele pequeno e frágil menino a repousar no colo da mãe? Ou talvez ele precisasse se desculpar pelo que estava por se tornar? Foi no tempo em que as trevas da noite eram muito mais intensas, a ponto de dissolver todos os pequenos fachos luminosos de estrelas que ousavam nascer. Alguém costumava dizer que o nascimento nada mais era do que o começo da morte, então, quando a última estrela cadente desfilou no céu sem luar, caiu sobre o chão, destruída, a porta do pequeno casebre na qual todos se escondiam. Com o barulho, Aaron foi o primeiro a despertar de seus sonhos intranquilos. Um batalhão de militares adentrou sem bater, agarrando seus pais pelos cabelos.

_ Levantem-se!

_ O que...?! O que está havendo? – Assustou-se o menino Aaron.

_ Andem logo. Não temos todo tempo do mundo.

_ O que está acontecendo... Pai, mãe...?

_ Vista-se, filho... Vamos ter que viajar. – Sorriu seu pai, Bartolomeu Vittorino, tentando disfarçar as lágrimas. Sua mãe, Dalila, vestiu-se com pressa. Não tiveram tempo de fazer as malas.

_ Andem! Temos pressa! – Bradaram os soldados. O relógio de pulso de Aaron marcava onze e meia da noite.

Escortados por um batalhão, eles foram guiados até a pequena estação ferroviária da cidade. Ali encontrava-se estacionado um gigantesco vagão. No seu interior, estavam várias outras pessoas também escaladas para o mesmo destino. Embora fossem pessoas, estavam dispostas como se fossem animais.

_ Pai, aonde vamos, afinal? Não me avisaste que íamos... Viajar... – Confundiu-se Aaron, ao mesmo tempo em que bocejou.

_ Acalma-te, filho. Será só uma viagem... Preciso que fique perto de mim o tempo todo, pois haverá muita coisa feia lá. – Explicou Bartolomeu.

_ Isso mesmo, querido. Não saia de perto da gente. – Embora o pequeno garoto gostasse de viagens, seu espírito sabia que não devia se alegrar. Aquela viagem não seria das melhores.

Todos se agarraram nos ferros do vagão, já que não havia acentos ou bancos.

_ Pai, eu quero me deitar... Eu quero dormir... – Queixou-se Aaron. Dalila sentou-se ao chão.

_ Deite-se aqui em meu colo, filho. Acordamos-te quando chegarmos. – Sem outra opção, Aaron recostou sobre o colo da mãe, e adormeceu. Em partes, Dalila e Bartolomeu estavam tranquilos. Acontecesse o que fosse com eles; Aaron estava tranquilo, e livre do conhecimento de que não voltariam para casa. Ao menos até aquele momento.

_ Talvez devêssemos contar pra ele...? – Cochichou Bartolomeu, agachado aos ouvidos da esposa.

_ Não... Talvez nos matem. Talvez nos fuzilem... Podem ser os últimos dias de nossas vidas.

_ Então... Vamos avisar nosso garoto. Ele já tem dez anos, já tem idade!

_ Não. Se for pra morrer... Ele morrerá sem ter ciência de tudo isso. – Chorou Dalila.

Embora esse fosse o desejo de quase todos os pais que transportavam seus filhos para o mesmo campo de concentração, as circunstâncias eram improváveis.

O sol de uma nova manhã lhes explicou por que.

_ Andem. Vamos! Desçam do vagão! – Chamaram os nazistas, abrindo a gigantesca escotilha. Todos desceram e, enfileirados, foram levados para o tenebroso galpão. Ali havia vários beliches, construídos em sequência, uns sobre os outros, como pequenas lacunas. Assemelhava-se a uma colméia gigantesca de insetos. Pequenos espaços. Como pequenos caixões.

_ Pai, que lugar é esse...? Quero ir embora...! – Chorou Aaron.

_ Não temos escolha, filho... Temos que ficar.

_ Não....!

Bartolomeu e Dália confortaram-no. Os três deitaram-se, juntos, em um daqueles pequenos espaços. Cantaram para o filho uma canção de ninar. Mas o desfecho da melodia foi interrompido pelos berros dos militares que chutaram a porta do recinto; Entraram fardados e armados com fuzis. Cinco deles postaram-se em fileira.

O líder permaneceu à frente.

_ ALTO! – Bradou ele. Todos então se levantaram dos pequeninos espaços. Colocaram-se de pé, diante do sargento. Ele disse palavras estranhas. Palavras no idioma alemão. Pouca gente entendeu.

_ Serei claro, e falarei uma vez só! Vocês estão aqui, unicamente e exclusivamente, para trabalhar... E servir o exército alemão. Se trabalharem corretamente, não acontecerá nada. E todos voltarão para suas devidas casas, quando estiver finito o serviço que precisa ser feito. Acomodem-se e acostumem-se. Aqui será o lar de vocês, no que depender de nós. Trabalharão, e terão comida. Se renegarem o serviço ou mostrarem-se fracos diante de nós, serão reposicionados. Quando o dia raiar, os guardas mostrarão a vocês o serviço a ser feito. Há uma grande vala no chão, esperando seus corpos, caso decidam desviar-se do regulamento do campo. Agora, descansem. Pelo raiar do sol... Vocês vão trabalhar! – Tendo dito isso, retirou-se juntamente dos outros.

As coisas ainda não estavam totalmente claras. Será que haveria algum lanche ou jantar de recepção?

_ Não é exatamente, ou somente, “trabalhar”. Estar aqui é trabalhar até a MORTE! – Comentou um dos veteranos, há mais tempo ali.

_ Como assim? – Preocupou-se Bartolomeu.

_ Vamos caminhar pelas turbinas e engrenagens carregando os ferros. Que pesam mais do que seus corpos! E se ousarem deixar no chão por um segundo sequer, serão mortos! Vocês não podem descansar... O descanso de vocês será a morte. Muitos amigos meus trabalharam aqui até a morte... Muitos deles já estão dormindo. Não agüentaram... Em verdade, já estou pensando em desistir também... – Chorou o magricelo homem. Aparentava não se alimentar há dias, e tinha o esqueleto quase que todo à mostra, mediante a epiderme frágil e ferida de seu corpo.

Todos tinham direito a um pedaço de pão, sempre ao cair da noite.

_ Mas não podemos desistir... Temos de voltar para as nossas casas... Porque isso tudo está acontecendo...? – Perguntou Dalila.

_ Não sei... Certos detalhes pertencem somente aos oficiais... O que está acontecendo aqui é claro, é óbvio: Temos de trabalhar. Para não sobrar nada de nós, quando a guerra acabar. É um extermínio.

_ Não! ISSO não está CERTO! – Gritou Bartolomeu.

_ É, vai dizer isso pra eles!

_ ...Eu tenho fé... O nosso bom Deus nos ajudará a passar por tudo isso. Viu, filho? Não dê ouvidos a essas pessoas. Reze para o papai do céu... E tudo vai ficar bem... – Sorriu Dalila, acariciando o rosto de Aaron.

_ Não, dona. Aqui, neste lugar... Deus não existe.

_ Não... Eu tenho fé, e você não tem.

_ Não, não tenho. Deus não existe! Tem muita coisa ruim, acontecendo... Não só aqui, como no resto do mundo.

_ Do sofrimento, às vezes, podem botar bons sentimentos. Dentre eles, compaixão.

_ Jura? Repita isso amanhã cedo, a seu marido, e aos outros... – Com um ódio descomunal nos olhos, o rapaz voltou para seu pequeno casulo e adormeceu.

Aaron e Dalila voltaram-se na direção do filho, dividindo os três o mesmo espaço. Aaron fechou os olhos. Mesmo ciente de parte das coisas que ouvira.

Dalila e Bartolomeu continuaram acordados por um longo período. Um tentando se encontrar, no olhar do outro. O que fazer?

_ Não importa. Temos que sobreviver... – Disse Bartolomeu, baixinho.

_ E se não sobrevivermos...?

_ Nós vamos sobreviver!

_ Bartolomeu... Por favor, me escute... Podemos não sobreviver. E aí,...

_ Não diga isso. Vamos viver. – Dalila referia-se a Aaron.

_ Deixe-me terminar. Mesmo que não sobrevivamos. Aaron vai. Eu não quero ver meu filho morto. Por favor, garanta que ele esteja seguro. Meu coração me diz que as mulheres vão primeiro... Os fracos vão primeiro...

_ Não acho que tudo isso seja verdade... Trabalhar até a morte... Qual o senso de lógica? – Pelo dia seguinte, chegou a triste confirmação.

Aqueles que tinham sede podiam saciá-la nas cascatas e rios de sangue que serpenteavam ao redor, pelas quilhas e córregos antes límpidos. Aqueles que tinham fome, se não estava na hora da retirada, podiam trabalhar e esquecer que existia estômago dentro de seus corpos.

Todas as roupas, de todas as pessoas, foram estraçalhadas. Todos passaram a vestir um mesmo uniforme, listrado, em branco e azul-claro. Já não havia para onde fugir. Já não havia refúgio seguro para ninguém.

Caso tentassem fugir, seus miolos seriam estourados sem piedade, sem acordo, sem misericórdia. Ao cair da noite, todos poderiam matar a fome com metade de um pedaço de pão, cada vez menor a cada dia.

Em seguida, só lhes restava virar para um canto, e adormecer. Tentar, ao menos.

Rezavam e aguardavam pelo dia seguinte, ao mesmo tempo em que o temiam.

Capítulo 2

[O Homem que Chorava]



Aaron conhece Matusalém, um judeu idoso que, ao ajuda-lo a se levantar, chora e o alerta sobre os soldados que estão por perto em busca das últimas crianças que restam. Matusalém é executado, longe de Aaron, embora ele possa ouvir os tiros.

A rotina de Aaron tornou-se minimalista, mas ainda assim o pequeno garoto soube encontrar algum divertimento. Enquanto os pais trabalhavam feito loucos, Aaron passou a brincar com as outras crianças. Até que chegou o dia em que nenhuma criança foi encontrada: Todas já haviam sido exterminadas.

A partir deste dia, Aaron deveria ficar refugiado, dentro ou fora do alojamento, mas escondido. Em um entardecer, por alguns instantes, Aaron perdeu-se de seus pais. Começou a caminhar, meio que à sombra de tudo e de todos, impressionado com o horror que ali havia.

Por entre as frestas e espaços ocultos, Aaron via pessoas sendo severamente castigadas, barulhos de tiros, corpos estirados ao chão.

Após muito caminhar, com os olhinhos arregalados de medo, Aaron chegou a um pequenino pântano rochoso. Sem perceber, num impulso, lançou-se à frente tropeçando e caindo. Eis então que um velho de barba branca e desdentado apareceu. Na mão direita, trazia um cajado. Agachou-se, ajudou Aaron a se levantar.

— O que aconteceste contigo, meu filho? Caíste?

_ Sim... Por distração acabei por tropeçar por entre estas pedras... Obrigado por me ajudar a levantar..

_ Imaginei que todas as crianças já estivessem mortas pelas mãos dos capatazes... Vá, fuja, encontre seus pais... Enquanto é tempo...! – Disse o velho. Em seguida, ele caminhou, sentou-se sobre uma das pedras. Pôs-se a chorar. Aaron então novamente se aproximou.

_ Como é seu nome... Moço...? – Ele não era moço. Era velho.

_ Matusalém.

_ Porque o senhor chora?

_ Eles transformam a gente em cascas, em corpos sem vida... Eles estão matando todo mundo... Eu não agüento mais ficar aqui...!

_ Eu também não. Este

_ Quantos anos você tem? Já tem doze, treze anos?

_ Ainda não.

_ Porque seus pais lhe trouxeram? Este não é o lugar certo para crianças como você.

_ Eles não tinham onde me deixar. Já não temos família. Somos meu pai, minha mãe, eu... E o mundo.

_ Todos vão morrer aqui... – O menino tinha muito medo da morte. Temia a dor, e o que poderia acontecer depois.

_ Não! Eu não quero morrer. E meus pais vão sobreviver. Voltaremos juntos, todos, para casa.

_ Não tenho a intenção de lhe assustar... – O velho, em verdade, tentava preparar o coração de Aaron para o pior.

_ Será que não há nenhuma maneira de fugir...? Meu pai estava me dizendo anteontem sobre talvez fugirmos, parece que não há cercados na direção do oeste...

_ As metralhadoras deles não deixarão que corramos tão longe. Os tiros vão nos alcançar numa velocidade rápida demais. E vão nos estirar ao chão, novamente... Mas não se deve perder a esperança! Tente fugir enquanto é tempo, fuja enquanto... – Dizia, quando de repente, dois soldados apareceram por entre os barrancos.

Aaron saiu a correr, escondendo-se por entre as folhagens. Os soldados dirigiram-se até Matusalém. De longe, Aaron tinha uma visão turva do que estava acontecendo.

_ Com quem estavas a conversar, velho?

_ Comigo mesmo. Todos os meus entes queridos, quase todos, já foram mortos... Só me resta minha filha adotiva cujo paradeiro perdi de mim quando cheguei aqui... Só me resta conversar com a solidão, agora... – Chorou ele, tremendo. Aquilo, de certo modo, soou como uma provocação aos ouvidos dos nazistas, que ordenaram: Matusalém deveria caminhar até um beco isolado.

_ Ande, levante-se, judeu porco velho! Caminhe na direção daquele canto ali. Sem olhar pra trás! – Gritou um deles.

_ Vocês vão me matar?

_ ANDE LOGO! – Matusalém então se levantou, ciente da morte certa.

Caminhou na direção do pântano trevoso, escoltado pelos capatazes. Aaron nada mais viu... Todos sumiram.

O menino então sentiu-se seguro para sair detrás das folhagens, já estava a caminhar de volta na direção do alojamento, quando ouviu tiros. O barulho de cinco tiros, oriundos de uma mesma metralhadora.

Em seguida, os mesmos soldados correram por lados diversos. Do pântano escuro, Matusalém não mais se levantaria.

As lágrimas do velho judeu já não sujariam mais o solo sagrado dos alemães.

_ Ele deve estar morto... Que Deus o tenha...

Aaron não conseguiu encontrar a coragem necessária para regressar ao pântano e dar de cara com o cadáver do velho. Simplesmente saiu correndo, tendo a imagem gravada em mente, mesmo sem nunca ter visto: Ali estaria Matusalém, gradualmente apodrecendo, enquanto seu sangue se misturava à lama.

Capítulo 3

[Inimigos do Estado]



Pessoas são executadas das mais diversas formas. As mulheres geralmente são colocadas em câmaras de gás. Os homens são metralhados ou encaminhados ao incinerador, cujas chamas consomem seus corpos esqueléticos. É neste ambiente sombrio e devastado que Tristan, um soldado perturbado, conhecerá a judia Elizabeth.

O campo abrigava algumas das mais bizarras câmaras feitas para o sofrimento judeu. Em cada um dos alojamentos, havia uma gigantesca chaminé, pela qual uma fumaça negra saía o tempo todo.

Ao redor dos bulevares havia caldeiras. Rios de lava, e poças de sangue. Tudo se misturava em uma única coloração, um tom que vai além do vermelho, além do laranja, uma mistura de fogo e sangue. A cor da dor.

O tempo todo, Bartolomeu e os outros carregavam helicoides, balas de canhão e artefatos de ferro, sem exatamente um propósito: Tudo deveria ser deixado em determinado galpão, como se fosse um armazenamento mais logístico. Só para, no dia seguinte, o trabalho recomeçar: Voltavam e reposicionavam tudo novamente. Os ferros não deveriam ser derrubados ou deixados ao chão, nem mesmo por um segundo de descanso.

Temendo o fim, e com medo de deixar Aaron à própria sorte, Bartolomeu buscou forças no impossível para tudo suportar.

Vidraças eram estraçalhadas e alguns concretos metralhados, quando algum deles tentava fugir. Mas, em momento algum, a fumaça negra parou de tingir o céu.

A fumaça anunciava a morte, o incêndio daqueles que, ainda pouco em vida, eram obrigados a deixar seus corpos pelas chamas; a chaminé postava-se imponente no topo de tudo, como o próprio demônio a observar os servos no inferno.

Para as mulheres, o extermínio consistia em outra estratégia. Dalila por vezes observava as companheiras que, ao entrarem na câmara para banhar-se, nuas, jamais voltavam. Seus corpos magricelos e anêmicos eram jogados na gigantesca vala. O cheiro era insuportável. Eram vários corpos, juntos, apodrecidos, que na verdade nem pareciam exatamente corpos. Eram praticamente esqueletos, pele e osso, uma vez que ninguém ali costumava se alimentar.

A fumaça negra a corromper o céu límpido anunciava a morte de mais cinco, seis, sete rapazes que, ao despejarem no chão os fardos que não conseguiam carregar, eram perpetuados para sempre nas chamas. Os gritos, vindos do incinerador, fizeram nascer na mente de Aaron seus piores pesadelos. Aqueles que estavam em fila, marchando na direção da morte pelo fogo, caminhavam trêmulos e aterrorizados, cientes do que lhes aguardava.

Já não havia entusiasmo suficiente para fugir, tampouco coragem para andar com rapidez até o fogo. Marchavam em passos lentos e sofridos. Desejavam não chegar.

_ Não... Eu não quero morrer... Socorro! – Gritavam os homens, atirados à gigantesca boca flamejante que carbonizava seus corpos poucos segundos depois.

_ Pelo amor de Deus, não façam o mesmo à meus filhos pequenos... – Pediam as mulheres, nuas, aos prantos, adentrando as câmaras de gás.

Tristan, um dos soldados, dotado de certo receio, escolhia não observar. Ou pelo menos fechar os olhos enquanto as pessoas eram encaminhadas à fileira do fogo.

Eis que, naqueles tempos, ao vigiar os bulevares procurando por crianças remanescentes, acabou por encontrar uma jovem mulher. De aparentemente dezesseis ou dezessete anos, loura, olhos castanhos, vestes simplórias. A judia, de nome Elizabeth, era a filha bastarda e perdida de Matusalém.

Ao adentrar o vale sombrio, Tristan a encontrou com a mesma expressão surpresa de quem encontra um rato branco, limpo, bonito, diferente dos outros roedores acinzentados e sujos. Mas ainda assim, um rato. Ela estava acuada em um canto. Comia pequenas migalhas de pão, velhas e emboloradas.

_ Moça... Que fazes aí?

_ Escondendo-me... Escondendo-me para não morrer...

_ ...Onde estão seus pais?

_ Vim apenas com meu pai para este lugar horrível. Eu não o vi mais... Eu acho que vocês já o mataram... – A voz da menina era meiga. Seus olhos, embora estivessem cheios de tristeza, também estavam repletos de ternura.

Naquele instante, Tristan não soube se conter.

Aconteceu o impossível. O inconcebível.

No reino do ódio, brotou o amor. Meio que por acaso.

O soldado nazista acabou por apaixonar-se pela judia.

_ Venha comigo. – Estendeu-lhe a mão direita, assim que abaixou a metralhadora.

_ Para onde?

_ Venha.

_ Não quero que me prenda num canto e me execute... Ainda não...

_ Prometo que não vou. Apenas venha... – Assim, duvidosa, a menina se levantou, segurando a mão dele. Tristan caminhou novamente até a entrada do beco, certificou-se que ninguém estava por perto.

_ Vamos! – Em seguida, correu com a menina até seu próprio alojamento, onde dormia todas as noites. Ali havia pão fresco, leite, algumas torradas, tâmaras orientais, dentre outras pequenas regalias concedidas aos militares. Tristan ofereceu tudo para Elizabeth.

_ Alimente-se... Ficarás escondida no meu alojamento, por enquanto.

_ ...Porque me ajuda? – Perguntou ela, de boca cheia. A menina, inicialmente, fez cerimônia. Após alguns segundos, percebendo que não havia ninguém ali para impressionar, comeu o mais rápido que pôde.

_ Termine de saciar sua fome. Depois, explico. – A gurua comeu praticamente tudo. Em seguida, deitou-se ao chão.

Tristan repreendeu-a, mandando que deitasse sobre a poltrona – Ainda desconfortável para quem deseja se deitar, mas infinitamente melhor que o chão.

Em seguida, dirigiu-se até ela.

Tristan devia ter por volta de trinta anos de idade.

_ Porque me olhas deste jeito, soldado...?

_ Tristan... Chame-me de Tristan. Não mereces ficar ao relento como os outros. Sois uma pobre coitada... E não merecia estar aqui.

_ Tantas outras meninas já foram executadas, mortas, sem uma fresta de piedade... Porque eu devo ser agraciada?

_ Eu não sei... Eu quero escolher você... Meu coração quer te escolher. Pra te salvar... Você aceita?

_ ...Aceito... – Nos minutos que se seguiram, um receio se fez entre os dois. Ambos temeram. Talvez um ao outro. Tristan mergulhou nos olhos castanhos de Elizabeth, sem hesitar. Acariciou-lhe os cabelos e, em seguida, beijou-a. Ambos permaneceram unidos, pelas próximas horas que se seguiram. Tendo seu alojamento próprio, longe dos outros capatazes, Tristan cogitava abrigar a moça pelo tempo que fosse necessário. Talvez até a guerra acabar.

_ O que estamos a fazer? – Perguntou-se ela, confusa, interrompendo o beijo.

_ Não sei.

_ Eu não devo... Eu não devia... Sua gente, seu povo, matou meu pai, matou minha família...

_ Eu não fiz isso. A história fez... Nada posso fazer para evitar. Mas permita-me tentar te salvar...?

_ ...Você já matou algum judeu?

_ Já... Somos obrigados a isso, Elizabeth.

_ Vai adiantar se eu pedir pra você não fazer mais isso...?

_ ...

_ Eu sei que não...

_ ...Eu tento. – De repente, sem perceber, a moça jovem e cheia de luz transformava o coração petrificado do soldado. Ela sentia-se indigna de receber conforto, ao rememorar outras mulheres sofredoras. Tristan estranhava, enquanto isso, os novos sentimentos que brotavam em seu coração.

Capítulo 4

[A Casa da Morte]



Elizabeth fica abrigada temporariamente no alojamento de Tristan. Ambos ficarão juntos quando a guerra acabar. Formarão uma família, terão filhos. Mas todo esse reino de fantasia é interrompido por Burkhard, o líder nazista: Ele acaba encontrando a judia acobertda.

Alguns dias se passaram.

Tristan sabia que estava a operar uma estação de passagem, projetada para assassinatos em massa. Havia câmaras de gás para tornar o processo mais eficiente, rápido e menos pessoal para os executores. Eram aposentos fechados que recebiam gás letal em seu interior para matar por asfixia quem estivesse dentro. Havia quatro câmaras de gás.

_ Todas as mulheres estão sofrendo nas câmaras... Todas morrerão... Exceto eu... – Confundia-se Elizabeth. A sorte vinha acompanhada da culpa.

_ Não se preocupe. Enquanto estiver em meus braços, Elizabeth... Você estará protegida. – Sorriu Tristan, deitado ao lado dela no alojamento.

_ Eu não agüento mais... Todos os dias fico aqui mas ouço os gritos.

_ Você está salva... E uma hora, tudo isso terá de acabar...

_ Eu me sinto culpada...

_ Por quê?

_ ...Porque sim. Sinto-me indigna, eles estão lá fora, sofrendo, sangrando, morrendo... Eu estou aqui. Será que eu sou digna de estar aqui, enquanto eles lá sofrem? São judeus também, carregamos o mesmo sangue.

_ Não se prenda a estes sentimentos... Temos que encarar as coisas como elas são, Elizabeth. Quando tudo isso acabar, vamos nos casar... Vamos estar juntos, vamos constituir família. E tudo isso para trás. – Por mais que Tristan sorrisse e a beijasse, Elizabeth não abandonou o fardo de culpa em momento algum.

Nas noites que se seguiram, ambos dormiram juntos e relacionaram-se. Enquanto Elizabeth proporcionava e recebia prazer, há poucas quadras dali, gritos eram ouvidos, e pessoas eram mortas.

_ Não se preocupe. Um dia tudo passará... Não haverá mais gritos, nem ranger de dentes...

_ Nossos fantasmas nunca irão embora, Tristan.

_ Vamos tentar esquecer. Ao menos tentar.

Ambos eram precipitados ao lançarem planos futuros. Afinal, o futuro poderia não existir. Todos os dias, Tristan trazia bolos e pães para que Elizabeth ficasse bem alimentada, diferente das mulheres magricelas que, obrigatoriamente, ele era obrigado a executar nas câmaras de gás. No tempo do horror e do medo, o amor deveria ficar em segredo.

Mas, sem perceber, Tristan começou a deixar rastros. Que foram seguidos. Todos os dias, saía do refeitório central do líder Burkhard com os braços cheios de comida.

Afinal, para onde estaria levando tantos mantimentos?

_ Ele deve estar com muita fome... É um dos soldados que tem mais fibra, de todo o campo... – Conversavam dois soldados pela manhã, ao vê-lo novamente levando fardos de comida para seu alojamento.

_ É... A menos que...

_ Do que desconfias?

_ ...Pode ser um motim.

_ Como assim?

_ ...Pode ser sim, o pior dos motins... Nunca vi Tristan se alimentando tanto assim... Ele pode estar refugiando alguém no alojamento dele. Vai que capturou alguém que não quer matar... – Arriscou e acertou um dos soldados.

_ Sabe que, se pensarmos bem... Você pode ter razão.

_ Se Burkhard descobre que ele está refugiando um judeu... Se estiver mesmo refugiando um judeu... O judeu será liberto e solto, e Tristan será executado. Não podemos entregar nosso companheiro.

_ Mas ele mesmo está manchando as regras! Ele está traindo a Alemanha. E traindo o Führer. Temos que fazer algo. Nós estamos conversando, logo, o comando todo estará comentando... Quando Burkhard descobrir, vai executar a todos nós, que sabíamos e nada dissemos!

_ ...Acho que tens razão.

_ E o que faremos?

_ ...Vem comigo. – Com pressa, os dois saíram. Caminharam silenciosamente na direção do alojamento de Tristan. Do lado de fora havia um pequeno ipê, que secava e morria aos poucos.

_ Vá, suba nas minhas costas, e pule no galho acima. Suba e olhe pela janela... Veja se há algo para se ver. – Sem opções, o soldado subiu nas costas do outro, e agarrou-se ao tronco do ipê. Equilibrou-se. Aproximou-se da janela, e manteve os olhos bem abertos: Pela janela, mesmo estando fosca, pôde observar a menina Elizabeth, semi-nua na poltrona. Ao lado de Tristan.

Ao mesmo tempo em que ele a alimentava, acariciava seu corpo.

_ E aí? O que está vendo?! – Perguntou o primeiro soldado, ao chão. Aquele que estava sobre a árvore, perverso, sorriu.

_ Há algo que Burkhard Svanchz vai gostar de saber...

_ Porque entregá-lo?

_ Porque não entregá-lo?

Capítulo 5
[O Nazista Assassino do Amor]



Elizabeth é capturada. É levada até Burkhard, que tenta molestá-la. Em seguida, nua e humilhada, ela é lançada ao terraço. Uma fileira de soldados a cerca. Burkhard, então, convoca Tristan, e ordena que ele mesmo execute Elizabeth, do contrário também irá perecer.

Dois dias depois...

A lua boiava ao horizonte do céu cinzento. Ao anoitecer, os gritos eram um pouco amenizados. Com o emergir das estrelas, alguns indivíduos paravam, por hora, de morrer.

A situação se tornara rotina: O dia seguinte poderia ser o último. E não adiantaria correr. Simplesmente deveriam, todos, sucumbir à morte.

Os rastros deixados por Tristan foram seguidos. Foram identificados.

_ Eu te amo, Tristan...

_ Eu também te amo, Elizabeth. Mais que tudo na vida... – Despediram-se, no período destinado ao almoço. Em seguida, Tristan voltou ao trabalho no qual era contratado da morte.

Quando regressou ao alojamento, lá pelas sete da noite, Tristan descobriu que já não haveria nenhum descanso ou repouso reservado para sua alma.

A porta estava arrombada e arrebatada. A poltrona desconfortável, os papéis, os pequenos objetos, tudo estava revirado.

_ Meu Deus... Acharam Elizabeth...

Naquele mesmo momento, a jovem encontrava-se nua, diante do líder nazista Burkhard. Trazida à força até seu gabinete, os soldados deixaram-na sozinha com ele. Burkhard bebeu três copos grandes de conhaque e, em seguida, com os olhos avermelhados, aproximou-se da moça. Com a mesma expressão da águia que sobrevoa um voo curto acima de seu verme.

_ Então é verdade...

_ O que...? – Tremia ela, de frio e de medo. Abraçava o próprio corpo com os braços magricelos.

_ ...Tristan estava refugiando você. Ora, não há bordeis suficientes para estes animais?!

_ Não. Eu me escondi sozinha, e...

_ NÃO MINTA! – Berrou ele, estapeando-a.

_ Pare, por favor!

_ EU SEI de tudo! Meus homens já me contaram. Mas ele vai pagar por isso... Terá um alto preço a ser pago... Vai carregar esse fardo pelo resto da vida.

_ Por favor... Ele só foi gentil comigo... Inicialmente tive medo e receio de estar na sua presença por ele ser da tropa que mata... Mas depois percebi que dentro de toda treva, existe a luz... E Tristan tem luz. Não apague essa luz. Ofereço minha vida, pode me matar. Mas não faça nada a ele... Os dias mais felizes da minha vida, eu devo a Tristan... – Chorou ela.

_ Sua vida acabou. – Burkhard agarrou a moça, prensou-a contra a parede. Em seguida, estuprou-a. Elizabeth gritou, berrou, chorou, sangrou. Mas ninguém tinha permissão de adentrar o gabinete de Burkhard.

Ao final, as portas de sua sala se abriram. Burkhard saiu, meio que com as calças desajeitadas. De pé, caminhou, puxando Elizabeth pelos cabelos.

_ Pare... Por favor... – Pedia ela, não mais gritando. Sua voz agora era fraca e rouca. Até mesmo os olhos não tinham mais forças para chorar.

Burkhard puxou a adolescente pelos cabelos e, em seguida, atirou-a contra a escadaria que dava acesso ao gabinete. Ela rolou e rapidamente chegou ao pátio. Um batalhão inteiro de soldados a cercou.

Burkhard desceu a escadaria, lentamente. Eis que, por entre os soldados, surgiu Tristan.

_ Elizabeth... – Murmurou ele, baixinho. Ela sorriu tranqüila.

_ Não faz mal.

_ Elizabeth... Desculpe...

_ Tudo bem. Eu não poderia partir sem ver você uma última vez... – Tristan segurou-se para não chorar. Suas lágrimas representariam seu sangue, também a jorrar, caso demonstrasse fraqueza diante de Burkhard. Este se aproximou, olhou para a menina caída ao chão. Em seguida, olhou novamente para Tristan. Bateu palmas.

_ Parabéns, Tristan... Pegaste e refugiaste a puta judia. Tens bom gosto, meu rapaz...!

_ ... – Tristan procurou mascarar a iminente fúria.

_ ...Mas você não pode mais se iludir com esse tipo de contratempo, Tristan. Temos de seguir as determinações e as orientações do Führer. Você está saindo dos padrões, dos conformes. Se isso se repetir, não teremos piedade de você. Você será, por nós, executado.

_ ...Certo...

_ Ótimo. Agora, tome. – Disse Burkhard, sacando sua metralhadora. Entregou-a para Tristan.

_ Pra que isso?

_ Sei que você tem a sua. Mas para esta ocasião, quero que use a minha.

_ Que ocasião...?

_ Mate. Mate a putinha. Se deixarmos passar, essa história de você abrigar uma qualquer no alojamento vai vazar... Essa história tem que morrer aqui. Nenhum de nós vai comentar. Ande.

Tristan respirou fundo.

Chorou. Via-se no pior estado de espírito possível.

Sem outra alternativa, pegou a metralhadora das mãos de Burkhard. Trêmulo, como se estivesse convulsionando em pé, apontou a arma na direção da cabeça de Elizabeth. Ela então sorriu. Uma conexão de pensamentos, então, se fez entre ambos.

“Desculpa...”

“Tudo bem. Pode me matar... Obrigada pelos dias mais felizes da minha vida... Eu te amo.”

Capítulo 6

[Matar ou Morrer]



Tristan comete o ato mais imperdoável de toda a sua vida: Mata Elizabeth. O arrependimento o consome e, aos poucos, o homem torna-se angustiado e deprimido. Tentará o suicídio, mas a morte fugirá dele.

Por alguns instantes, Tristan perdeu a noção de tempo e espaço. Tudo começou a boiar, a rodar ao redor de si.

A cor do céu tornou-se gradiente, do cinzento para o totalmente negro. O chão se abriu, colocando-o no mais profano inferno. Ali estava ele, com a metralhadora de seu líder imediato apontada na direção de Elizabeth, nua e violentada ao chão.

_ Anda! MATE-A, Tristan! AGORA! – Berrou Burkhard. Todos os outros soldados viam-se em volta de Tristan. Assistiam a cena, recusavam-se a piscar.

_ ...Eu não farei isso. Tome, mate você, e... – Dizia ele, entregando a arma a outro soldado, quando Burkhard o agarrou pela gola. Tristan, anteriormente condecorado, teve sua medalha arrancada.

_ AGORA, seu verme imundo! Entrego minha metralhadora em tuas mãos! Como ousa entrega-la a outro, sem minha permissão?! Você está envergonhando a todos nós hoje. ARMAS! – Nisso, todos os soldados sacaram suas metralhadoras. Apontaram na direção de Tristan.

_ É você ou ela, Tristan. Você tem dez segundos pra decidir. – Sorriu Burkhard. Tristan entrou em pânico. Sorridente e perverso, Burkhard começou uma espécie de contagem regressiva.

_ Dez... Nove... Oito...

Elizabeth fez um esforço, e conseguiu mexer o braço. Tocou a perna de Tristan. Falou bem baixinho, uma vez que já estava quase sem voz.

_ Tristan, faça logo... Mate-me... Quero mesmo encontrar meus pais, minha família... Não faz mal... Continuamos essa conversa depois, agora, faça o que tem que ser feito.

_ Continuamos?! Quando?

_ Faça logo... – Pediu Elizabeth. Aos prantos, Tristan apontou novamente a arma na direção dela. Fechou os olhos. Respirou profundamente. E, faltando um segundo e meio na contagem regressiva de Burkhard, puxou o gatilho.

Elizabeth não mais gritou.

O tiro perfurou sua cabeça, estourando-lhe os miolos. Uma pequena quantidade de sangue esguichou, manchando aqueles que estavam mais próximos. Sem mais nada a dizer, ou a fazer, todos os soldados então se retiraram.

Uma chuva sublime começou a cair, lavando o corpo ensanguentado de Elizabeth.

Apenas Tristan e Burkhard permaneciam diante do cadáver.

Aparentemente não se importavam com a chuva.

_ Que isso sirva de lição, Tristan... É um dos meus melhores homens. Mas se voltar a refugiar vermes no alojamento novamente, terei de reporta-lo ao Führer. – Tristan sentiu vontade de matar o líder, mas nada fez.

Burkhard retirou-se.

A chuva começou a se firmar; Ligeiramente transformou-se em tempestade. Diante da ausência de seu líder, Tristan caiu de joelhos. Abraçou o corpo ensanguentado de Elizabeth.

Suas lágrimas misturaram-se com o sangue.

Em seguida, foram mascaradas pela chuva.

Ninguém poderia dizer que ele chorou.

_ Maldição! DROGA! Elizabeth...! – Berrou ele. Permaneceu ajoelhado com o cadáver em seus braços. Virou o rosto na direção do gabinete de Burkhard. Ali, nas portas, estavam presas duas toalhas, formando o símbolo da suástica.

_ É como dizem. Deus não existe.

De dentro do gabinete, Burkhard ouvia confortavelmente os gritos de Tristan. Sorria mediante seu sofrimento.

A chuva apresentou-se cada vez mais forte. O soldado permanecia abraçado ao cadáver de Elizabeth. Passou a mão direita suavemente em seu rosto, fechando-lhe as pálpebras. Um pouco da massa encefálica começou a sujar seu uniforme oficial.

Eis então que, por detrás de uma mureta, apareceu Aaron.

O menino, de apenas dez anos, admirou-se com a cena. Escondido, observou tudo de longe.

_ Que estranho... – Pensou ele. Após muito sofrer, Tristan levantou-se, com o cadáver de Elizabeth no colo. Carregava nos dois braços estendidos, como se fosse um troféu, uma oferenda aos deuses.

Caminhou na direção do horizonte... Sumiu por entre as montanhas. Aaron passou a segui-lo. Talvez fosse curiosidade, talvez fosse imbecilidade.

_ Este pelo menos parece ter piedade no coração... Já sei a quem recorrer caso eu seja capturado... – Murmurou Aaron.

O menino também parecia não se importar com a chuva, tampouco com a possibilidade de estar perdido do pai. Continuou a seguir Tristan, tomando cuidado para não ser percebido.

Capítulo 7

[Fardos de Dor]



Tristan entrega-se às trevas do esquecimento negro. Aaron, de longe, observa a decadência do soldado. Para Aaron, tem início uma terrível maldição. Tristan enterra sua amada, com as próprias mãos, em um terreno longe do campo de concentração. Em seguida, passa a ter sonhos com sua amada: Ela o absolve. Mesmo assim, Tristan encontra-se incapacitado de perdoar a si mesmo.

As horas se passaram. A chuva tornou-se cada vez mais forte. Mas nada impediu os passos de Tristan. Continuou a caminhar, o tempo todo, com o corpo de Elizabeth nos braços. Sua fúnebre procissão solitária, em dado momento, parecia não ter fim.

Após longa travessia, chegou ao sopé de uma pequenina colina, afastada do campo de concentração. Sutilmente, como se fosse uma cobra, Aaron o seguia. Não houve diálogo, tampouco aproximação.

Aaron simplesmente admirava e analisava as atitudes de Tristan.

– Antes estivesse cavando a minha própria cova... – Murmurou ele, enquanto cavava, com as próprias mãos, um buraco na terra. Fez uma cova improvisada na terra lamacenta.

Em seguida, depositou o corpo de Elizabeth cuidadosamente.

Depois, tingido pela lama e pelo sangue, cobriu o buraco novamente. Tristan, então, novamente chorou.

– Perdoe-me por ser o que sou... Elizabeth... – Após fazer algumas preces, deu as costas para o terreno. Aaron então se meteu por entre as folhagens e desapareceu. Tristan já não estranhou o barulho, tampouco a penumbra misteriosa: Sabia que estava sentenciado a ser assombrado.

– Quem quer que esteja aí velando minha dor, MALDITO seja! Amaldição sua alma! Que viaje pelos séculos carregando este tempo maldito dentro de si! – Aaron, ao ouvir a maldição, paralisou no meio da mata. Sentiu como se fosse uma flecha, disparada na sua direção.

– Estou amaldiçoado...?! – Perguntou-se ele. Em seguida, voltou a correr. Regressou ao alojamento onde se encontrava Bartolomeu.

– Filho! Onde esteve?!

– ...Pai, vi uma coisa incrível hoje... Por favor, não diga à mamãe o que irei lhe contar...

– O que viste? Meu Deus! Estás todo molhado, encharcado! Vai pegar uma pneumonia!

– Não ligo... Vi um homem cavando um túmulo com as próprias mãos, naquela montanha lá... – Apontou ele, ao horizonte.

– Túmulo?

– Sim! Enterrou um corpo ali... O corpo de uma moça... Depois, começou a chorar. – Aaron só não contou ao pai a parte da maldição lançada, por aquele que se sentia o pior dos homens.

– ...Tudo bem, agora entre, filho. Pare de procurar por essas coisas, eu já disse que é pra você ficar quieto, não podem te ver! É como um jogo de esconde-esconde. Entre, vamos... – Ordenou Bartolomeu, colocando Aaron para dentro do alojamento.

Relutantemente, adormeceu.

Sem esquecer, em momento algum, as palavras de ódio de Tristan.

Quanto ao amaldiçoador, outros pesares lhe aguardavam. Regressou, lúgubre, para seu alojamento.

Tudo ainda estava revirado.

A poltrona permanecia virada.

O travesseiro, os lençóis, as roupas. Tudo ainda tinha o cheiro de Elizabeth. Sobrevivia a sublime fragância de sua presença. Todo sujo, imundo e cansado, Tristan lançou-se contra o chão frio.

Momentos mais tarde, encontrou-se em um ambiente escuro, iluminado por uma luz difusa. A iluminação partia do topo de algum firmamento. Tristan sabia que estava vivo, e sabia que aquilo era um sonho. Havia barulho de trovoadas.

Eis que, na sua frente, apareceu Elizabeth. Não mais ensangüentada, não mais sofrendo. Ela estava bem... Bonita, cintilante. Trajava um vestido branco, sem exatamente a exuberância de diamantes, mas trazia consigo a simplicidade de uma alma alegre, que desconhece mágoa, que é capaz de perdoar qualquer coisa.

_ Oi, meu amor... – Sorriu ela.

_ Elizabeth...! – Sorriu ele, por alguns momentos, vendo-se repleto de esperanças novamente. Mesmo que isso soasse indigno ou incorreto.

_ Até que enfim vejo um sorriso...

_ ...

_ Porque traz tanta mágoa na alma...? – Nisso, sem saber exatamente no que pisava, Tristan ajoelhou-se diante dela, como se Elizabeth fosse uma santa.

_ Vim implorar o seu perdão!

_ Implorar, Tristan? Pare com isso, levanta-te!

_ Não! Desculpe! Eu não sei o que deu em mim! Eu preferia ter morrido! Se pudesse voltar no tempo, eu deixaria que me matassem!

_ Iriam me matar depois da mesma forma.

_ Pelo menos estaríamos juntos agora!

_ Não, não estaríamos.

_ Por quê?!

_ Nossas almas seriam separadas... Você iria para um lugar, eu iria pra outro. Tire essa história da sua cabeça, e não pense nas coisas “*como poderiam ter sido*”, encare-as como elas verdadeiramente são... Não era isso que me dizias? Pra encarar as coisas como elas são... Quando você me pedia pra não me preocupar, quando eu estava atormentada pelo sofrimento dos outros...

_ PERDOA-ME! – Berrou Tristan.

_ Eu te perdôo. Agora, você é capaz de se perdoar? Parece que não. O problema aqui está só em você, eu te perdôo. Agradeço pelos dias mais felizes de toda a minha vida, com você... Foram os tempos mais felizes. Vou guardar para sempre, aonde quer que meu espírito repouse. Mas sempre vou me lembrar: Enquanto sou feliz, outros sofrem... Tenho que me omitir, tenho que fechar os olhos... Eu também me sinto indigna, eu também quis ser perdoada! E eu também já me perdoei.

_ ...